

História

Dona Ivone Lara e o Serviço Social

Até a aposentadoria, ela se apresentava às pessoas como “Yvonne Lara, assistente social”, e não como cantora ou compositora, lembra a jornalista Mila Burns na biografia, de 2009, intitulada “Nasci para sonhar e cantar: Dona Ivone Lara... samba”.

Pioneira, em 1965, Dona Ivone já tinha feito história no samba. Foi a primeira mulher a assinar uma composição do enredo de escola de samba, como ela mesma apontou: “Antigamente, a mulher sofria mesmo muito preconceito. Quem assinava os sambas eram meus primos Fuleiro e Hélio. Minha família me proibia”, como cita a professora Graziela Scheffer autora da tese “Serviço Social, formação brasileira e questão social: na cadência do pioneirismo carioca”, apresentada ao Programa de Doutorado de Serviço Social (UFRJ).

Antes da aposentadoria, em 1974, já usando o nome Dona Ivone Lara, sem “y”, lançou seu primeiro disco solo, iniciando a consolidação de sua carreira artística.

Em 1977, quando se aposentou como assistente social no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, Yvonne Lara da Costa decidiu assumir definitivamente sua *persona* sambista e partiu para conquistar o país com suas músicas e seu jeito brejeiro de cantar e dançar. A série de shows que fez com o cantor e compositor Roberto Ribeiro pelo Brasil, em 1978, dentro do projeto Pixinguinha, pode ser considerada a grande alavancada em sua carreira musical, que havia começado bem antes, no tempo em que mulheres não entravam na ala de compositores das escolas de samba.

Os caminhos traçados para a jovem negra, recém-saída de um colégio interno, órfã e criada pelos tios, não eram os que ela queria para si. Sempre em movimento, não estava em seus planos ser trabalhadora da fábrica de tecido Nova América, onde hoje funciona o Shopping Nova América no subúrbio de Del Castilho, no Rio de Janeiro. Ela queria enveredar pelos caminhos do samba, mostrando seu talento e criatividade para compor e cantar. Mas, mulher, negra e pobre,



Minha Verdade
(Ivone Lara e Délcio Carvalho)

**Eu tenho a minha verdade
Fruto de tanta maldade que já
conheci
Me deixa caminhar a minha
vida
Livrentemente
O que desejo é pouco
Pois não duro eternamente
Nada poderá me afastar
do que eu sou**

não via outra alternativa se não estudar. Ela mesma dizia que tinha estudado muito e já tinha para si exemplos de mulheres que se destacavam profissionalmente por esta via. Àquele momento, foi sua escolha para buscar o “sonho seu”!

No entanto, Dona Ivone Lara carrega outro legado: foi uma das primeiras assistentes sociais negras, que é identificada como herdeira do legado ancestral da resistência das mulheres negras em suas manifestações africanas no Rio “o samba, a capoeira, as danças de roda, a religiosidade da Umbanda”, como a qualifica a professora da Faculdade de Serviço Social da UERJ, em sua pesquisa sobre as pioneiras do Serviço Social.

No Rio de Janeiro dos anos 1940, viu a oportunidade de fazer um curso superior gratuito e decidiu que cursaria enfermagem. Foi na Escola Anna Nery, onde a formação àquela época era voltada para a atuação na Segunda Guerra Mundial, sem vinculação religiosa, mas norteadas pelo apelo patriótico. Todavia, suas escolhas a apontavam para caminhos que ultrapassavam a dimensão dos cuidados biomédicos, optando por ser enfermeira-visitadora social.

Em seu texto para a revista Serviço Social e Sociedade, Professora Graziela Scheffer nos ajuda a identificar essa particularidade:

“Em seu estudo sobre as visitadoras



Graziela Scheffer autora da tese “Serviço Social, formação brasileira e questão social: na cadência do pioneirismo carioca”

sociais do Rio Janeiro, ‘A colaboração lhe bate à porta... visitadoras sociais e a biopolítica no cotidiano operário (1944-1953), lançado pela EDUERJ, em 2013, Ana Lúcia Vieira aponta que esse trabalho era voltado para o registro do modo de vida dos trabalhadores. A formação profissional tinha forte ênfase nas técnicas de inquérito (entrevista) nos espaços intrafamiliares. Nessas visitas domiciliares, além de entrevistas em forma de “inquérito social”, elas determinavam hábitos de higiene e regras de conduta”.

No mesmo artigo, Graziela nos brinda com uma fala de Dona Ivone Lara que foi feita durante seu trabalho de enfermeira e depois de enfermeira visitadora-social:

“Porque tem uma coisa, a visitadora social não é supervisora, ela já não trabalha diretamente com o médico. Ela trabalha, sim, em prol do doente, atendendo às necessidades do doente e da família do doente. E justamente o Serviço Social já cuida dessa parte. É completamente diferente. E outras coisas mais. Agora, sendo que depois, com o Serviço Social, ele se expandiu mais, a gente fez mais coisas, foi aonde eu tive que fazer a pós-graduação, que era pra poder ter outros conhecimentos e fazer jus ao meu diploma de assistente social. [...] E eu já tava toda influenciada como assistente social, então eu quis ser assistente social.”

Dona Ivone Lara e o surgimento do Serviço Social no Rio de Janeiro

Em sua pesquisa acerca do surgimento do Serviço Social na cidade, Graziela aponta que este emerge de três braços centrais: o direito, a saúde e a educação.

“Em 1936, ocorreu o primeiro curso intensivo de Serviço Social promovido pelo Juizado de Menores, que formou 26 assistentes sociais. Entre essas profissionais, Maria Esolina Pinheiro, liderança do movimento laico da profissão. Em 1937 acontece oficialmente a criação da primeira Escola de Serviço Social no Rio de Janeiro, pela Igreja Católica, hoje seria a PUC-RIO. Em 1938 surge o segundo curso intensivo, que deu origem ao que hoje é o Curso de Serviço Social da Universidade Veiga de Almeida, dirigido por Terezita Porto na época. Nesse mesmo ano, foi fundada Escola de Serviço Social da Anna Nery (UFRJ), articulada à formação de enfermagem. Em 1944, foi fundada a Escola Técnica de Serviço Social Cecy Dodsworth, atualmente Faculdade de Serviço Social da UERJ, fruto da militância de Maria Esolina Pinheiro pela educação laica, democrática e popular.”

Dona Ivone é expressão do movimento de laicidade do serviço social, que começa a se dissociar da igreja. Ela formou-se em enfermagem em 1943. Classificada entre as dez primeiras da turma, foi admitida pelo Ministério da Saúde, indo trabalhar na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. De 1945 até 1947 fez a faculdade de Serviço Social na escola Anna Nery. Na sequência foi admitida pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais e contratada pelo Hospital Gustavo Reidel, onde permaneceu até a aposentadoria. No mesmo ano que se forma assistente social casa com Oscar Costa, filho de Alfredo Costa, presidente da Escola de Samba Prazer da Serrinha e fica amiga

de ícones do samba como Aniceto, Mano Décio da Viola e Silas de Oliveira.

Passou toda sua vida profissional no campo da saúde mental, tendo o privilégio de ter trabalhado com a psiquiatra Nise da Silveira, que foi sua supervisora na unidade de saúde. Nise da Silveira foi uma das primeiras mulheres psiquiatra do Brasil, e ficou famosa pelo uso das artes plásticas em contraposição aos tratamentos de eletrochoques e lobotomia, usados na década 1950. Dona Ivone Lara, assistente social e enfermeira, trabalhou juntamente com a psiquiatra na época na implantação dos métodos artísticos na saúde mental. Também passou a realizar atividades musicais com os pacientes internados.

Mesmo tendo trabalhado por vários anos na saúde mental, ao lado da Dra. Nise da Silveira, Dona Ivone Lara é pouco mencionada como assistente social aposentada, ao passo que na enfermagem ela é considerada madrinha. Essa trajetória de Dona Ivone é resgatada pela professora e nesta edição especial do Praxis, ano em que o Código de Ética Profissional de 1993 faz 25 anos, que o Conselho Regional do Rio de Janeiro faz 55 anos e para reafirmarmos a campanha do triênio do Conjunto CFESS/CRESS, “Assistentes Sociais no combate ao Racismo”, resgatar Dona Ivone Lara como assistente social tem um significado expressivo para a história da profissão, principalmente ao ser apontada também como “pioneira”, pobre e negra, com família oriunda do subúrbio carioca.

Graziela nos aponta que Dona Ivone Lara foi da primeira geração de assistentes sociais que não seguiam o perfil da “primeira leva” - “composta por filhas de grandes fazendeiros, que perderam as suas fortunas com a crise do café e foram obrigadas a se inserir no mercado de trabalho. Elas vêm de uma alta classe e viram classe média. São mulheres que têm uma cultura, falavam idiomas, tocavam piano. Então a primeira geração é uma geração que vem desse caldo cultural, mas também decadentes. Quando abre o serviço social é um momento delas se projetarem, nas políticas sociais.”

Em suas obras, a eterna Joia Rara expressava seu descontentamento

com a realidade social imposta, com letras marcadas pela luta e resistência. Aos 96 anos, Dona Ivone ainda é símbolo dessa resistência. Muito debilitada, não deixa de acompanhar sempre que pode, juntamente com o neto, André Lara, eventos do samba, como a 2ª Festa Literária do Samba e Resistência Cultural (FliSamba), realizada em julho de 2017, na qual recebeu, ao lado de Nelson Sargento, também outro ícone, a homenagem especial do evento.

A partir de sua obra, Graziela reafirma a necessidade de ainda nos debruçarmos sobre o legado histórico desta profissão, que traz algumas representações da resistência feminina contra os valores da sociabilidade burguesa reproduzidos estrutural e conjunturalmente.

“Dona Ivone representa, na história profissional, uma síntese da cultura carioca das mulheres negras no samba e do grupo de resistência laica liderado por Maria Esolina no Rio de Janeiro. É importante investirmo em estudos sobre fundamentos históricos aliados à análise dos processos de resistência da profissão” sintetiza a professora em depoimento exclusivo para o Praxis.

Na liberdade do sonho cantado por Dona Ivone fica a trajetória de uma mulher incrível, à frente do seu tempo, que cantava o samba e sambava o canto, ecoando sua voz em harmonia, “traz a pureza de um samba / sentido, marcado de mágoas de amor / um samba que mexe o corpo da gente / e o vento vaio

Ivone Lara recebe uma homenagem dos médicos do Engenho de Dentro (acervo família da artista, s/d)

